

PLANO DE AULA

I. Identificação

Autores do Plano de Aula: Gabriel Dantas Martins (aluno de graduação, História/UnB) e Profa. Dra. Edlene Oliveira Silva;

Data de elaboração do plano: 2/2023;

Série/Ano: Ensino Médio;

Carga horária prevista: 04 horas/aula.

II. Tema/assunto/título da aula

Representações de Cleópatra na Antiguidade e relações de gênero

III. Objetivos

a) Debater as representações de Cleópatra e as relações de gênero presentes em trechos da obra *Vidas Paralelas*, de Plutarco. b) Identificar como o biógrafo grego reinterpreto a ação política de Cleópatra como manipulação e o uso do corpo como estratégia política. c) Compreender as noções de feminilidade e masculinidade presentes nas representações de Cleópatra e Marco Antônio na obra de Plutarco. d) Debater representações de Cleópatra como governante, estrategista e líder militar. e) discutir as relações raciais que envolvem as representações da rainha do Egito.

IV. Conteúdo

1) Representações de gênero nas imagens de Cleópatra, na obra de Plutarco. 2) Cleópatra, manipuladora, amante e feiticeira. 3) Feminilidade e masculinidade desviantes: Cleópatra e Marco Antônio na obra de Plutarco. 4) Cleópatra, a política e a guerra. 5) A negritude da rainha do Egito.

V. Pré-requisitos

Algum conhecimento sobre Cleópatra, história de Roma e discussões a respeito das relações de gênero.

VI. Metodologia e recursos didáticos

Aulas 01 e 02

A aula começará com as seguintes perguntas: vocês já ouviram falar sobre Cleópatra? O que vocês sabem sobre ela? As respostas dos/das estudantes serão colocadas no quadro para que todos visualizem e tenham a oportunidade de partilhar suas impressões iniciais.

Em seguida, a fonte impressa será distribuída e apresentada aos alunos e às alunas. Trata-se de trechos sobre a rainha Cleópatra presentes na obra *Vidas Paralelas*, uma compilação de biografias de homens ilustres da história greco-romana, escrita por Plutarco no século II a.C. Plutarco de Queroneia foi um historiador e

filósofo de origem grega que viveu no Império Romano entre o final do século I e o início do século II a.C.

O nome *Vidas Paralelas* se justifica por colocar e comparar, lado a lado, a biografia de grandes homens gregos e romanos (nenhuma mulher foi biografada), com o objetivo moralizante de instruir uma elite romana leitora a seguir os bons passos e a evitar os erros e vícios dos biografados. A rainha Cleópatra foi citada somente na parte que trata da vida de Júlio César e, principalmente, na de Marco Antônio, poderosos generais romanos com os quais se relacionou, ocupando um papel secundário nessas biografias.

Aqui é importante discutir os padrões de gênero greco-romanos, que relegam às mulheres um papel secundário na história da Grécia e de Roma, silenciando seus protagonismos e ações e atribuindo apenas aos homens a posição de destaque e comando na história.

Cleópatra era descendente de Ptolomeu I, general de origem macedônica que se tornou faraó do Egito e fundou a dinastia ptolomaica, que teve 14 Ptolomeus e 7 Cleópatras e governou o Egito por três séculos. Quando o pai de Cleópatra VII, Ptolomeu 12, morreu, foi sucedido por ela, que na época tinha 18 anos, e por seu irmão Ptolomeu 13, então com 10 anos, para que governassem o Egito em conjunto. No entanto, a rainha tinha planos de governar sozinha, e várias disputas pelo poder entre ela e seu irmão levaram a uma guerra, tendo Cleópatra sido afastada do trono.

Na mesma época, a república romana vivia uma disputa pelo poder entre Pompeu (general e cônsul romano) e Júlio César (também cônsul e considerado um dos maiores líderes militares da história romana). Pompeu foi derrotado por César e fugiu para o Egito para se refugiar, sendo então assassinado.

A ida de César ao Egito, logo após o assassinato de Pompeu, foi o momento oportuno para Cleópatra conseguir estrategicamente encontrá-lo e obter o apoio político dele para a causa contra o irmão. César foi favorável à restauração de Cleópatra ao poder. O suporte de César foi mais uma vitória da estratégia política de Cleópatra, que saiu vitoriosa, tendo seu irmão sido morto ou vindo a falecer afogado, não se sabe ao certo. Além da aliança política entre Cleópatra e Júlio César, eles tiveram um relacionamento e um filho, Cesário, que nunca foi reconhecido publicamente por César, na época casado e ainda sem filhos.

Com a morte de Pompeu, César assumiu o comando em Roma, mas em seguida foi assassinado por um grupo de senadores liderados por Brutus. A morte de César desencadeou novas disputas pelo comando da república romana, dessa vez entre o general Marco Antônio e o sobrinho herdeiro de Júlio César, Otaviano.

A rainha, desta feita, buscou o apoio político e bélico de Marco Antônio para se perpetuar no poder. A aliança não agradou a Otaviano, que via na rainha uma ameaça às tradições e aos interesses romanos. Roma então declarou guerra à Cleópatra e a Marco Antônio. A batalha de Ácio, empreendida no norte da Grécia em 31 a.C., colocou Cleópatra e Marco Antônio contra as forças de Otaviano, em um conflito naval que culminou com a vitória do último e o suicídio da rainha e do general. Derrotado, o Egito se tornou uma província romana sob o Império de Otaviano.

Após a compreensão contextual, será discutido que, no caso de Cleópatra, muito do que se conhece sobre ela foi escrito por homens gregos e romanos, sobretudo por Plutarco. Diferentes autoras/es que estudaram Cleópatra em diversos períodos históricos, até os dias atuais, utilizaram as *Vidas Paralelas* de Plutarco como referência principal nas suas pesquisas. Daí a grande influência desse autor na construção de um imaginário histórico sobre esta rainha e a importância da análise crítica de sua obra.

Um dos motivos de Plutarco ser referência nos estudos sobre Cleópatra é o fato de seu texto ser considerado de caráter histórico, uma vez que o autor utilizou-se de fontes históricas diversas disponíveis em seu tempo, muitas perdidas nos dias de hoje, e também por ele afirmar ter tido a oportunidade de escutar de seu avô histórias contadas a ele por um médico que esteve em Alexandria nos tempos de Cleópatra.

Um outro ponto a ser considerado em aula é a problematização do lugar de fala de Plutarco. Apesar de ser um homem grego, o historiador viveu sob a égide do Império Romano – pois à época a Grécia já havia experienciado mais de dois séculos sob o domínio de Roma – e estava inserido no numeroso grupo de intelectuais gregos favoráveis à política romana.

Nesse sentido, Plutarco baseou grande parte de sua descrição sobre Cleópatra em testemunhos partidários em prol de Otaviano (inimigo político de Cleópatra e Marco Antônio), incluindo-se nesse conjunto de material relatos orais que escutara em sua terra natal e em suas viagens a Roma (duas regiões nas quais circulava um imaginário depreciativo e hostil sobre a rainha egípcia). Ademais, apesar de ser talvez a fonte antiga mais completa sobre Cleópatra, Plutarco a escreveu mais de um século após a morte da rainha.

O primeiro trecho a ser analisado é aquele em que Plutarco diz:

Dizem que, de fato, a beleza de Cleópatra não era, em si mesma, exuberante demais para impressionar à primeira vista, mas havia nela um encanto irresistível, e sua beleza, aliada ao atraente dom da fala, e seu caráter, que envolvia aquele que a tratava, davam-lhe um fascínio penetrante como uma picada. O mero som de sua voz despertava prazer, e sua língua, como um instrumento de várias cordas, era afinada para se expressar em qualquer idioma que desejasse falar. De fato, com poucos povos bárbaros ela teve que usar um intérprete pois ela mesma era quem, por seus próprios meios, se comunicava fosse com etíopes, trogloditas, hebreus, árabes, sírios, medos ou partos. Diz-se que ela aprendeu a falar em muitas línguas, ao passo que os reis antes dela nem se deram ao trabalho de aprender a língua egípcia, alguns confiando apenas em seu dialeto macedônio (Plutarco, *Vida de Antônio*, 27 *apud* BALTHAZAR, 2013, p. 161-162).

Sobre o excerto podem-se discutir as falas do historiador de que a beleza da rainha não era exuberante demais para impressionar à primeira vista, afirmando também que seu fascínio estava em sua capacidade de comunicação. A descrição de que Cleópatra falava várias línguas é verossímil, dado que ela, pertencente à realeza egípcia, nascera e fora educada em Alexandria, a então capital do Egito, centro intelectual do período e palco de interações culturais entre egípcios, gregos e judeus, de

forma que "se comunicava fosse com etíopes, trogloditas, hebreus, árabes, sírios, medos ou partos" sem a necessidade de intérpretes.

Plutarco alega ainda que a rainha, apesar de suas origens gregas, teria sido fluente em várias línguas, enquanto "os reis antes dela nem se deram ao trabalho de aprender a língua egípcia, alguns confiando apenas em seu dialeto macedônio". O historiador parece querer passar para o leitor a imagem de uma Cleópatra que, apesar de não ter uma beleza física impressionante, seduz pela voz e pela ampla capacidade de comunicação.

Aqui, uma questão importante a problematizar são os padrões de beleza da época de Plutarco. O discurso do historiador de que Cleópatra não era bela "para impressionar à primeira vista" está relacionado a não semelhança de Cleópatra com as mulheres brancas das elites romanas e aos códigos de feminilidade ideal da época. A rainha (como mostram imagens de reconstituição facial e de moedas dela que circulavam na época) possuía algumas características físicas estranhas aos padrões estéticos romanos, como o nariz adunco considerado próprio de povos vistos como inferiores por eles, tais como os egípcios (Plutarco denomina a rainha de "a egípcia" em diversos trechos de *Vidas Paralelas*). Nessa direção, é importante pontuar que a questão não é simplesmente se ela era bela ou feia, mas o modo como as discussões sobre a sua aparência são marcadas por noções de gênero e de inferioridade étnica emblemáticas de uma cultura ocidental que se achava superior à de outros povos, considerados inferiores e bárbaros. É interessante pensar ainda que as representações de Cleópatra, em diferentes épocas, a livraram do nariz adunco para lhe atribuir uma aparência mais europeia, mais próxima do padrão de beleza considerado superior.

Alguns historiadores enxergam na fala de Plutarco sobre a sedução/encanto da voz de Cleópatra uma associação entre ela e a feitiçaria. A paixão de Antônio por Cleópatra pode ser lida então como fruto de uma prática mágica, pois o termo encanto pode possuir um sentido de feitiço de amor. A associação entre Cleópatra e a feitiçaria também era uma forma de desqualificá-la diante da sociedade greco-romana. Em diversos momentos da história, a perseguição e morte de mulheres foram justificadas por terem sido consideradas feiticeiras. Essa interpretação faz sentido, já que historiadores afirmam que Cleópatra foi acusada de contaminar com suas crenças os governantes romanos, que acabavam se vendo como deuses e desse modo ameaçavam a cultura política romana.

No segundo trecho a ser analisado, Plutarco diz que:

Estivesse ele envolvido em assuntos políticos ou ocupado com outras tarefas, Cleópatra introduziu uma nova forma de prazer com a qual ela manipulou um infantil Antônio, sempre estando ao seu lado dia e noite: ela jogava dados com ele, bebia com ele, caçava com ele, participava de seu treinamento como espectadora [...] (Plutarco, Vida de Antônio, 29 *apud* BALTHAZAR, 2013, p. 164).

Aqui é importante debater a imagem de Cleópatra como uma mulher cheia de vícios, ardilosa e esperta, que manipulou um "infantil Antônio" (que teria sido infantilizado, isto é, tornado ingênuo e sem ação própria pela rainha) e que "jogava dados com ele, bebia com ele, caçava com ele, participava de seu treinamento como

espectadora". O fato de estar junto do general e de estar sempre o acompanhando em suas andanças evidencia que o historiador acreditava que a presença da rainha distanciou Antônio de suas virtudes e funções políticas, ou, em outras palavras, dos costumes romanos e do ideal de masculinidade romana. Essa espécie de propaganda contra a "orientalização" de Roma (assimilação de costumes egípcios) começou com Otaviano, e Plutarco, pelo que se percebe, compartilhava das mesmas opiniões (ainda que, como já mencionado, tenha vivido e escrito posteriormente, quase um século do acontecimento dos fatos relatados).

Nota-se ainda que, para Plutarco, a paixão de Marco Antônio por Cleópatra foi a causa da desmesura, dos vícios e da destruição do general. Segundo o escritor, Cleópatra, a partir de seus dons diplomáticos, seu encanto, suas manipulações, aproveitou-se das fraquezas do caráter de Antônio, mantendo-o assim sob seu controle e dominando-o em prol de sua agenda política, a saber, a valorização e a afirmação do Egito na política do antigo Mediterrâneo.

Também é importante questionar as noções de masculinidade romana. Antônio, dentre outros motivos, é condenado na obra de Plutarco por permitir que um general, que teria por natureza a arte de governar, fosse dominado e governado por uma mulher, o que desqualificaria sua posição de governante. Dessa forma, para Plutarco, o relacionamento com Cleópatra o afastou dos códigos de masculinidade da época.

Pode-se ainda discutir, a partir da relação entre os dois trechos selecionados, como Plutarco atribuiu o uso da sedução pelo corpo a um instrumento político da rainha. Na citação, observamos de que maneira a ação de Cleópatra como rainha – uma mulher inteligente e com uma política diplomática aguçada – se imbricou ao seu papel de feiticeira e amante, uma atuação política pautada na conquista e na sedução.

Em outro trecho a ser analisado, Plutarco diz que “Antônio abismou-se na desgraça por amor de Cleópatra, amor que despertou e desencadeou nele inúmeras paixões ainda adormecidas e sufocou o que, apesar de tudo, podia ainda existir de honesto e saudável em sua alma” (Antônio, 25.1 *apud* BALTHAZAR, 2013, p.143).

Nesse momento pode-se problematizar o modo como esse discurso de Plutarco sobre Cleópatra se relaciona às velhas imagens machistas sobre as mulheres como seres que seduzem e enganam os homens e, assim, podem levá-los à destruição. A imagem de sedutora e manipuladora da rainha egípcia que usa o corpo, o sexo, como meio de exercer política foi construída por Plutarco e amplamente difundida no Ocidente.

Outro trecho a ser discutido é um em que Plutarco diz:

(...) [Otaviano] amava singularmente essa irmã [Otávia/esposa de Marco Antônio], que segundo se dizia era um primor de mulher. (...) [Antônio] não negava sua ligação com Cleópatra, mas sim seu casamento com ela, circunstância que leva a crer que ainda se esforçava para combater o amor nutrido pela egípcia. Todos, pois, preconizavam o casamento na esperança de que Otávia, séria e inteligente, além de bonita, uma vez unida a Antônio por certo conquistaria sua ternura e salvaria completamente a situação, assegurando a harmonia entre os dois rivais (Antônio, 31.1-2 *apud* BALTHAZAR, 2013, p.155).

Aqui é importante debater as noções binárias de gênero na representação de Cleópatra. Para Plutarco, Otávia está dentro dos códigos de feminilidade e atua politicamente como esposa, mãe e irmã, em benefício de Antônio, de Otaviano e de Roma. Cleópatra está fora dos códigos de feminilidades da época, uma estrangeira egípcia, amante que se utiliza do corpo e da sedução para desgraçar politicamente Marco Antônio. Essa oposição Cleópatra-Otávia remete a um discurso moralizante de gênero e feminilidade: um exemplo a ser seguido e outro a ser evitado.

Enfim, é importante finalizar essa aula mostrando algumas das contribuições de Cleópatra para a história: 1) foi a primeira ptolomaica a falar o idioma egípcio como estratégia política de governo; 2) criou, durante todo o seu governo, diversas estratégias para que o Egito não fosse engolido por Roma; 3) instituiu decretos que demonstraram ter realizado um eficiente governo, que enfrentou problemas e buscou soluções inteligentes, como nos períodos de escassez de trigo; 4) tornou mais eficiente a rota das caravanas e os negócios com o trigo (o Egito era considerado o celeiro do mundo Antigo); 5) falava vários idiomas (Plutarco diz que eram nove no total); 6) teve formação de faraó, que envolvia o conhecimento de diversas áreas, como retórica, aritmética, geometria e música; 7) comandava o exército e a marinha, regulava a economia, negociava com poderes estrangeiros e presidia os templos; 8) conseguiu se manter no trono por 20 anos, um período longo na história dos Faraós.

Mas foi o discurso que a rotulou como sedutora que vigorou, atravessando séculos e concentrando-se nos relacionamentos amorosos da rainha como estratégia política, como se fossem as suas relações amorosas com os dois poderosos homens romanos que tivessem garantido a Cleópatra um lugar de poder na história.

Aulas 03 e 04

Nessas aulas serão discutidas as representações de Cleópatra no docudrama (produção audiovisual que mistura opiniões de especialistas com atuações) *Rainha Cleópatra*, que foi lançado pela Netflix em 10 de maio de 2023 e tem aproximadamente 10 minutos de duração (link do vídeo em anexo). Produzido e narrado por Jada Pinkett Smith, a produção é estrelada por Adele James (uma atriz negra, o que levou a uma série de discussões na internet e no próprio Egito sobre qual teria sido a verdadeira etnia da rainha). O docudrama está dividido em quatro episódios que contam, através das opiniões de especialistas, como Cleópatra VII assegurou a proteção de sua família e o domínio sobre o Egito ante o avanço romano.

Em “Rainha Cleópatra”, evidencia-se a ação de líder militar da rainha. Nas cenas sobre a batalha de Ácio, que se deu em 31 a.C., é possível observar, logo de início, que as investidas de Otaviano com vistas a estender o poderio romano ao Egito e “punir” Marco Antônio pela sua afiliação a Cleópatra são respondidas pela rainha com veemência.

Os especialistas comentam, de maneira geral, que Cleópatra gostava de se inteirar das estratégias de batalha e de estar na linha de frente no comando do exército, além de empreender estratégias para proteger seu reino e sua família (como fugir de volta para Alexandria e contatar Otaviano pela paz). As opiniões dos

historiadores consultados no docudrama mostram uma Cleópatra VII governante, estrategista militar, guerreira e líder, ao invés de uma mulher sedutora e manipuladora tal como a que aparece nos trechos de Plutarco.

Essa perspectiva do docudrama, de uma Cleópatra atuando ativamente na guerra, à maneira de um gênio militar aguçado, é muito importante para discutir a existência de mulheres líderes e guerreiras na história que tiveram protagonismos em suas épocas, mas que foram apagadas da historiografia e do ensino de história por concepções androcêntricas que atribuíam às mulheres apenas papéis no mundo doméstico e no cuidado dos filhos e do marido.

Também é muito importante uma perspectiva que coloque Cleópatra como grande governante e articuladora política, para desconstruir a ideia de que o mundo da política seria apenas um espaço de atuação masculina e de que as mulheres não teriam capacidade de exercer um bom governo.

É ainda relevante debater que tem havido muita controvérsia em relação à origem racial de Cleópatra. Apesar de vários estudiosos afirmarem a impossibilidade de estabelecer plenamente suas origens, o fato de a rainha egípcia ser representada por uma atriz negra, nessa série da Netflix, é ainda tratado com aversão, e é preciso lidar com essa questão fora da Antiguidade, já que a cor da rainha nunca foi mencionada naquele período. Segundo historiadores, a discussão sobre se Cleópatra era branca ou negra está inserida no contexto colonial e tem ligação com os discursos raciais do século XIX.

Nesse sentido, a difusão em massa de imagens históricas, produzidas a partir da modernidade, de uma Cleópatra branca reproduz o racismo científico, que constitui um dos traços mais repugnantes do discurso colonial. A repulsa à ideia da possível africanidade de Cleópatra está enraizada num discurso eurocêntrico que degradou sistematicamente a África, tomando-a como deficiente segundo os próprios critérios arbitrários da Europa.

Assim, é fundamental discutir como o cinema deu prosseguimento à iconografia histórica que retrata uma Cleópatra branca, produzindo inúmeros filmes que apresentavam a rainha de forma europeizada e representada, exclusivamente, por atrizes brancas. O filme *Cleópatra*, interpretado pela atriz caucasiana e de olhos azuis Elizabeth Taylor, dirigido por Joseph L. Mankiewicz e lançado em 1963, imortalizou a visão que temos da líder egípcia no nosso imaginário.

Essa questão é importante não para provar se Cleópatra era negra ou branca, mas para que os/as estudantes tenham contato com essas discussões e reflitam sobre o porquê de haver ainda na atualidade reações tão virulentas à possibilidade de Cleópatra ser negra de origem africana.

Dessa forma, um dos elementos centrais da aula é evidenciar como essas representações sobre Cleópatra e o Egito negro ou branco estão em disputa no presente, revelando tensões e questões raciais ainda não resolvidas.

VII. Avaliação

Os alunos e as alunas deverão escrever um texto argumentativo de no máximo 10 linhas que responda à seguinte questão: as representações da rainha Cleópatra VII na obra de Plutarco e no Docudrama envolveram quais papéis de gênero? Por que essas representações sobre Cleópatra são importantes na atualidade?

VIII. Bibliografia

BALTHAZAR, Gregory da Silva. A(s) Cleópatra (s) de Plutarco: as múltiplas faces da última monarca do Antigo Egito nas Vidas Paralelas. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

BALTHAZAR, Gregory da Silva. Cleópatra a sedução do Oriente: corpo como meio feminino de exercer política. **Revista História Comparada**, PUC/RS, 2009.

MELLO, Felipe Aiala de. Identidades e espaços: as representações de Cleópatra e do Egito em Vida de Antônio, de Plutarco. **Dissertação** (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Desafricanizar o Egito, embranquecer Cleópatra**: silêncios epistêmicos nas leituras eurocêntricas sobre o Egito em manuais escolares de História no PNLD 2018. *Romanitas: Revista de Estudos Grecolatinos*, Espírito Santo, v. 10, p. 26-63, 2017.

SHOAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno de identidade. **Cadernos Pagu**, Nova Iorque, 2004, n. 23, p. 11-54.

IX. Anexo

Fonte das aulas 03 e 04

A Rainha Cleópatra. Duração 9:34. Disponível em:
https://drive.google.com/drive/folders/1ZBhMEx24VIHNx61YotqFZ60L0rynYIA6?fbclid=IwAR1gCzhFy7RMsF3GHajVFjnf0Lqllz1eFCMssNR_IwT-H2nYgifVaGT4w